PALAVRAS DE LUXÚRIA E DE DEBOCHE: HOMOEROTISMO NO *ALMANAK CARALHAL*

WORDS OF LUST AND DEBAUCHERY: HOMOEROTICISM IN *ALMANAK CARALHAL*

EDUARDO DA CRUZ*

RESUMO: Este artigo propõe uma apresentação do *Almanak Caralhal*, um almanaque satírico português oitocentista. Tomando esse impresso como escrita de uma história cultural que possibilita recompor discursos sobre questões culturais e políticas que atravessavam aquele momento de produção, além de recuperar seu papel como agente que intervinha na sociedade e na cultura, destaca-se seu conteúdo homoerótico. Aponta-se sua relação com a literatura portuguesa e com a cultura homoerótica do período.
PALAVRAS-CHAVE: almanaques, homoerotismo, século XIX.

ABSTRACT: This paper proposes a presentation of *Almanak Caralhal*, a satirical Portuguese nineteenth century almanac. Taking this printed as the writing of a cultural history that enables the recomposition of discourses on cultural and political issues that crossed that moment of production, and is recovered its role as an agent that intervene in society and culture, there is its homoerotic content. It points to his relationship with the Portuguese literature and the homoerotic culture of the period.
KEYWORDS: almanacs, homoeroticism, nineteenth century.

* Professor do Departamento de Literatura Portuguesa, Língua Portuguesa e Filologia no Instituto de Letras da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (ILE/UERJ).

O almanaque é um espaço alternativo "ao livro, jornal e revista (quando não mediadores), ora absorvendo-os, ora inspirando-os" (RODRIGUES, 1999, p. 37). Um tipo específico de publicação periódica, normalmente anual, com um formato próximo ao do livro, e uma recolha de vários gêneros textuais informativos ou literários é o que encontramos usualmente nos almanaques do século XIX, com algumas variantes e especificidades dependendo do título. Foi em busca dessa visão mais ampla sobre o modelo, percorrendo alguns volumes oitocentistas portugueses e brasileiros, que nos deparamos com o *Almanak Caralhal para 1861*.

Não é possível saber se esse título foi publicado mais vezes ou se ficou apenas no primeiro ano, o que é mais provável. Seu nome não aparece no catálogo de almanaques portugueses da Biblioteca Nacional de Portugal[1]. Há apenas uma versão digitalizada pela Biblioteca de Catalunha, na Espanha, que é a que consultamos. O fronstpício não indica o editor, apenas o local de edição, Paris – provavelmente falso como era comum em obras pornográficas –, e assinala o primeiro ano de publicação, em 1860. Apesar de também ser possível da data não ser verdadeira, é crível, uma vez que o exemplar digitalizado traz uma dedicatória manuscrita datada de 1865 no Maranhão[2], indicando que esse almanaque deve ter circulado nos dois lados do Atlântico. Visualmente não é atrativo. Esse volume não traz nem ao menos pequenas vinhetas como o *Almanaque de Lembranças*, quanto mais ilustrações elaboradas como seu irmão mais novo e mais conhecido da crítica, *O Pausinho do Matrimonio*[3]*–Almanach Perpetuo*[4], por ter sido ilustrado por Rafael Bordalo Pinheiro.

Esses dois almanaques licenciosos não diferem apenas pela parte gráfica, mas pela proposta temática. Enquanto *O Pausinho* assume no texto de abertura, inti-

---

[1] *Os sucessores de Zacuto*: o almanaque na Biblioteca Nacional, século XV ao XXI, editado pela Biblioteca Nacional (Portugal).

[2] "offrece a D. João. / Marcellino José Antunes Pimenta / Maranhão 20 de Nov[embr]o / de 1865"

[3] Utilizaremos a sigla OPM para futuras referências a esse almanaque, todas feitas a partir da reedição de 2011, da editora Tinta da China, que publica a coleção "Livros Licenciosos" coordenada por António Ventura.

[4] Também com local de edição falso ("Paris - Imprimerie V. Le Chaste / 69 - Rue de la Pudicité – 69") e ano fictício ("4881") – provavelmente 1881.

tulado "Aos Caturras", que é "composto para ser lido por homens" (*OPM*, p. 14), o *Almanak Caralhal*[5] propõe-se a um público diverso, como indica o prólogo:

> Chamar-lhe-hia antes – Manual encyclopedico de moralidade permanente – Para todos os gostos, para todos os paladares, aqui se encontra variedade; para os casados, para os viuvos, para os solteiros, para as senhoras, para as que as não são, para as putas, para os sacanas, e para o fanchono é este um livro d'um valor espantoso!! (*AC*, p. 8).

Chama a atenção não apenas o "fanchono" ser parte do público-alvo, mas ter para esse tipo de leitor um 'valor espantoso". "Fanchono", para Luiz Maria da Silva Pinto (1832), é o "que he dado, ou activa, ou passivamente ao vicio do Onanismo" e, para António Morais Silva (1789), "o puto agente, dado ao peccado da mollicie [...], molle, affeminado". Ou seja, esse "Manual" também abrange temas homoeróticos por ser destinado a um público que se identifica por essas práticas ou comportamentos. Pretendemos, portanto, neste ensaio, verificar de que modo o homoerotismo aparece no *Almanak* e discutir como essa publicação se insere na cultura homoerótica em português, entendendo que

> a cultura homoerótica abrange todo esse vasto conjunto de textos e textualizações através dos quais, tanto em perspectiva homófila quanto em perspectiva homofóbica, se procurou articular discursivamente as experiências homoeróticas na sua imensa diversidade. A cultura homoerótica apresenta, pois, uma pluralidade ideológica e axiológica cuja amplitude marca essa mesma diversidade através da qual as experiências históricas de vivência homoerótica puderam pensar e dizer tanto as suas especificidades e limites concretos, quanto os seus projetos e as suas utopias. Na cultura homoerótica, portanto, incluem-se — e dialogam entre si — tanto a história quanto a contra-história do homoerotismo, em tudo o que possam ter de positivo e de negativo (BARCELLOS, 2006, p. 66-67).

Na tradição dos almanaques do século XIX, o volume em análise é constituído por textos de gêneros variados escritos por diversos colaboradores anônimos.

[5] Para facilitar as citações a este almanaque, utilizaremos a sigla AC, referindo sempre a essa edição de 1860.

Estes, segundo o prólogo, "amam a vida, o vinho, o prazer, os charutos, as mulheres, e os rapazes" (*AC*, p. 7), indicando que os textos devem apresentar visões variadas sobre o prazer sexual. Enquanto o tema d'*O Pauzinho do matrimónio* é praticamente heterossexual[6], ao escrever o prólogo do *Almanak Caralhal*, seu autor se identifica exclusivamente com a vivência homoerótica:

> Pois ha para mim nada milhor que um quarto no Fermino dos de dezoito vintens, tomar uma cadeira, sentar-me, acompnhado de dois imberbes moços, polós da mesma fórma que Adão e Eva, fazel-os sentar cada um na sua cadeira, e eu no centro, e o mais formoso, ou para melhor dizer, o que possuir melhor pica, fazer-me a punheta dos anjos, e eu agarrar-me áquellas duas amarras como a minha *unica salvação*!!! [...] E vós meus bons leitores desculpae, e se entre vós houver quem seja fanchono, eu offereço-me porque possuo um valente caralho (*AC*, p. 10 - grifo do original).

Certeau diz que escrever "é uma atividade concreta que consiste, sobre um espaço próprio, a página, em construir um texto que tem poder sobre a exterioridade da qual foi previamente isolado" (1998, p. 225). É uma ação que tem como função influir sobre a realidade, da qual se distingue, com o objetivo de transformá-la. Ao tomar o almanaque como texto, pode-se identificar essas propostas de transformação da realidade. Juntam-se a isso os termos de ação política envolvida nos escritos que compõem o *Almanak*, pois, segundo Rancière:

> O conceito de escrita é político porque é o conceito de um ato sujeito a um desdobramento e a uma disjunção essenciais. Escrever é o ato que, aparentemente, não pode ser realizado sem significar, ao mesmo tempo, aquilo que realiza: uma relação da mão que traça linhas ou signos com o corpo que ela prolonga; desse corpo com a alma que o anima e com os outros corpos com os quais ele forma uma comunidade; dessa comunidade com a sua própria alma (1995, p. 7).

---

[6] O homoerotismo aparece poucas vezes e é ridicularizado ou criticado, como no artigo "Arte de gozar e fazer gozar" em que deixa clara a visão que o *Pauzinho* tem de práticas homoeróticas: "porque a fome é negra, não reprovamos que, apertado pela necessidade, se coma um puto ou um amigo. Mas o livro não se destina a sacanas, e por isso só trataremos das punhetas com que os dois sexos têm mutuamente de se aliviar quando o não possam fazer de outro modo" (*OPM*, p. 154-155).

O almanaque, ao longo de sua história, teve relações muito próprias com as comunidades a que se destinava. Originário, ao que tudo indica, da tradição hebraica, ainda no século XIV, era um misto de calendário, astrologia, geografia e informações úteis à marinha para as navegações e aos trabalhadores do campo para escolherem o melhor momento para plantio, colheita, etc. Seu aspecto prático não impediu que o gênero fosse alterado. O *Almanach des Muses*, francês do século XVIII, começa publicando exclusivamente poesia, sem informações de calendário, e serviu de modelo para outras publicações europeias.

> O modelo foi também adaptado em Portugal, por uma publicação muito esquecida e bastante maltratada pela crítica oitocentista: o *Almanak das Musas*. Publicado por subscrição entre 1793 e 1794, o anuário era exclusivamente formado por poesia e não incluía qualquer calendário (ANASTÁCIO, 2012, p. 62-63).

Com essa mudança, o interesse pela publicação deixava de se esgotar ao longo de um ano e a obra não era mais imputada ao compilador, que recorria a composições alheias para montar seu volume. Também o almanaque passou a atender a públicos variados, gerando novos modelos, principalmente a partir da segunda metade do século XIX, quando há em Portugal uma "explosão dos almanaques" (Lisboa, 2002, p. 12). Todavia, os satíricos não são criação do oitocentos. "Há uma longa tradição de publicações que procuram ridicularizar os almanaques" (Lisboa, 2002, p. 18), que remonta ainda ao século XVI. Apesar de parecer que publicam inutilidades, havia um público para esse modelo e impressores desejosos por sua produção. Afinal, como observa Chartier, "o almanaque é um gênero ao mesmo tempo literário e editorial utilizado para difundir textos de natureza extremamente diferente. Daí o sucesso perpetuado de um livro que pode ser, ao mesmo tempo, útil e prazeroso, didático e de devoção, tradicional e 'esclarecido'"(1999, p. 139).

Por ser um gênero misto, é de se esperar que tenha um vínculo forte com o sistema literário. No século XIX havia uma relação intrínseca entre a literatura e a imprensa periódica. Os almanaques, meio alternativo de publicação, abriram espaço não apenas para as mulheres escritoras, como o *Almanaque de Lembranças*, como também para outras questões marginais à literatura oficial.

O erotismo não era tema novo na literatura portuguesa, estando presente já nas cantigas dos trovadores e mesmo n'*Os Lusíadas*, de Camões. Inclusive, *O*

Pauzinho do Matrimónio traz como epígrafe um verso dessa epopeia: "Melhor é experimentá-lo que julgá-lo" (*Lus.*, IX, 83, v.7). Também, ao longo do século XIX, várias obras portuguesas apresentam conteúdo erótico. Destacamos, a título de exemplo, *O Retrato de Vênus*, de Garrett, o poema "A sesta", de António Feliciano de Castilho, além, é claro, das *Poesias eróticas, burlescas e satíricas*, de Bocage, publicadas em 1854 com local de publicação falso e sem indicação do editor[7]. Assim, mesmo que Trumbach, ao comentar os textos sexuais ingleses do século XIX, indique que se considera "a maior parte dessa poesia, como tantos outros textos sexuais do século XVIII, mais erótica que pornográfica" (1999, p. 282), essa literatura continuou atraindo editores e leitores por muitos anos. El Far (2004) encontrou essas obras e outras do mesmo período sendo anunciadas no Brasil no final do século XIX, apesar do aumento considerável desse tipo de texto. Lynn Hunt, ao analisar o catálogo de romances eróticos publicados na França no século XIX por Louis Perceau, verifica que na segunda metade desse século houve sete vezes mais títulos do que na primeira, e destaca:

> Entre as últimas décadas do século XIX e as primeiras do século XX, a quantidade de publicações cresceu novamente, em quase todos os países. Após o surgimento da política de massas – a partir da década de 1880 –, outros países passaram a produzir literatura pornográfica, fato que sugere a relação entre pornografia e democracia (HUNT, 1999, p. 24).

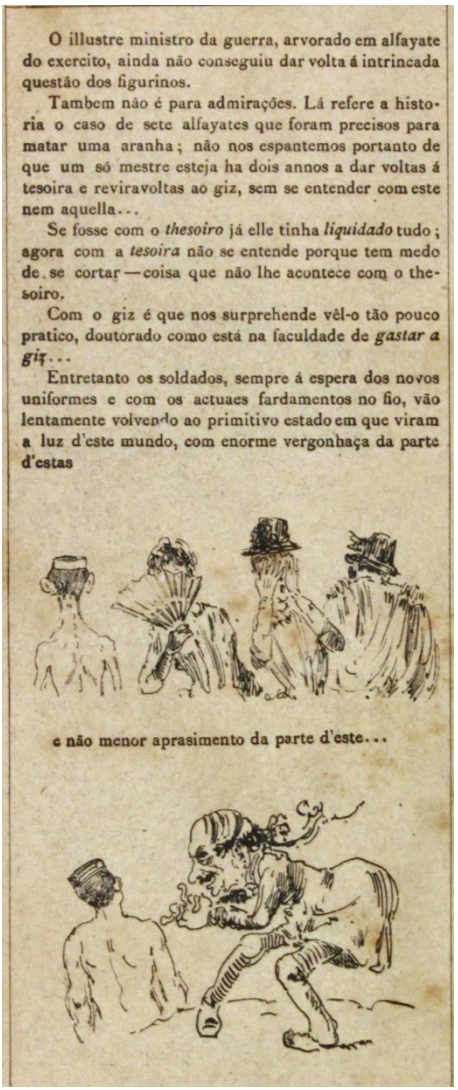
No entanto, personagens ou sujeitos homossexuais parecem ainda alijados das composições literárias portuguesas de meados do oitocentos. Fernando Curopos, inclusive, toma como pressuposto para sua busca por esse tipo de personagem, a ascensão do Realismo-Naturalismo em Portugal com a publicação d'*O crime do padre Amaro*, de Eça de Queirós, em sua primeira versão, de 1875, por ser "un roman essentiel pour la compréhension du Réalisme au Portugal" (2016, p. 13). Para Curopos, é no último quartel do século XIX que a personagem homossexual faz sua estreia no discurso social em Portugal e na imprensa:

[7] Daniel Pires (2007) informa que Inocêncio Francisco da Silva, editor das obras de Bocage impressas em 1853 edita também esse volume, publicado separadamente.

> Ainsi, dès le troisième quart du XIX[e] siècle, l'homosexualité fait une entrée tonitruante dans le discours social portugais, dans la presse certes, mais surtout dans les conversations et les commérages, et ce à toutes les échelles de la société. Si l'élite a son pédéraste, le peuple a son « paneleiro » et ses « panelas », les médecins leur « inverti » et les homosexuels leurs « Adelaides ». Par conséquent, l'émergence du personnage homosexuel dans la littérature portugaise n'est que la transposition d'une réalité sociale, un reflet mimétique, l'incorporation d'un thème et d'objets de discours, en totale synchronie avec ce qui se passe dans le reste de l'Europe (CUROPOS, 2016, p. 13).

O pesquisador defende que os autores portugueses do fim do século não utilizam apenas o discurso médico na composição de suas personagens, mas sobretudo uma realidade social escandalosamente visível, "l'émergence d'une subculture homosexuelle dans les rues et venelles de Lisbonne" (CUROPOS, 2016, p. 14). Assim, se ao fim do romance, padre Amaro, ao perguntar pelo Libaninho, descobre que "o pilharam com um sargento, de tal modo que não havia a duvidar..." (QUEIROZ, 1972, p. 396), escândalos reais com exemplos de homoerotismo foram amplamente divulgados e serviram de mote para alguns romances finisseculares. É o que defende também Howes (2005), ao relacionar especificamente três escândalos que ocuparam por longo tempo as páginas dos periódicos portugueses com os enredos de romances que apresentam personagens homossexuais. No caso do livro de Abel Botelho, *O Barão de Lavos* (1891), tanto Curopos quanto Howes afirmam que se trata ainda de uma forma de repercussão do caso do Marquês de Valada, político membro do partido Regenerador, que fora surpreendido pela polícia com um soldado de infantaria numa casa na travessa da Espera em agosto de 1881. O Marquês foi duramente atacado pelo caricaturista Rafael Bordalo Pinheiro nos periódicos *António Maria* e *Pontos nos ii*. Bordalo não lhe dava trégua, voltando várias vezes a criticar o nobre utilizando o homoerotismo como mote para seu combate político, como se pode ver nos exemplos a seguir. Na fig. 1, o marquês aparece interessado num jovem militar desnudo por o governo não ter ainda comprado uniformes novos, numa clara referência ao escândalo de 1881. Na fig. 2, Valada, então administrador do distrito de Braga, aparece vestido como mulher na caricatura. Esses exemplos mostram que, ao menos no que se refere a Bordalo, que o ataque aos comportamentos

homoeróticos se dão tanto a uma postura mais máscula quanto a uma mais afeminada no último quartel do século.



O illustre ministro da guerra, arvorado em alfayate do exercito, ainda não conseguiu dar volta á intrincada questão dos figurinos.

Tambem não é para admirações. Lá refere a historia o caso de sete alfayates que foram precisos para matar uma aranha; não nos espantemos portanto de que um só mestre esteja ha dois annos a dar voltas á tesoira e reviravoltas ao giz, sem se entender com este nem aquella...

Se fosse com o *thesoiro* já elle tinha *liquidado* tudo; agora com a *tesoira* não se entende porque tem medo de se cortar — coisa que não lhe acontece com o thesoiro.

Com o giz é que nos surprehende vêl-o tão pouco pratico, doutorado como está na faculdade de *gastar a giz*...

Entretanto os soldados, sempre á espera dos novos uniformes e com os actuaes fardamentos no fio, vão lentamente volvendo ao primitivo estado em que viram a luz d'este mundo, com enorme vergonhaça da parte d'estas

e não menor aprasimento da parte d'este...

Fig. 1 - *Pontos nos ii*, a.I, n.19, 10/09/1885, p. 150 / Fig. 2 - *Pontos nos ii*, a.II, n.40, 28/01/1886, p. 310

Ainda antes do aparecimento do romance queirosiano e dos escândalos que pulularam na imprensa periódica nas últimas décadas do século XIX, a temática homoerótica, com seus sujeitos e personagens homossexuais, estava presente no *Almanak Caralhal para 1861*, ainda em plena vigência da escola romântica e na década de maior produção de Camilo Castelo Branco. Esse tema aparece nos paratextos, no calendário histórico, em artigos, anedotas, contos e poemas, seja de modo metaforizado seja explícito, atacado ou louvado, tornando esse título importante para a compreensão do que era essa cultura homoerótica de Lisboa de meados do oitocentos. Por isso, não tomamos o *Almanak Caralhal* como mera coletânea de textos, mas como elemento que une uma multiplicidade de discursos que revelam a cultura de uma época.

Estruturalmente, o almanaque abre com carta de Vasco Porra ao seu "bom amigo" solicitando um prólogo para seu almanaque, porque "para uma obra qualquer ter um certo vulto, é preciso que seja acompanhada de um prologo, que o nome que o assigne tenha alcançado uma certa reputação" (*AC*, p. 5), num jogo de derrisão da proposta, uma vez que todos estão escondidos por pseudônimos. Nessa missiva, o editor se apresenta como cliente de prazeres sexuais

oferecidos por mulheres e por homens: "Até hoje meu amigo os sacanas e as putas teem-me levado dinheiro, teem-me entisicado, e tambem feito conhecer o gallico!" (*AC*, p. 5). O "sacana" é termo que aparece inúmeras vezes ao longo da publicação, assim como os menos comuns "tambor" e "pivia", como o rapaz pago para masturbar o cliente, algumas vezes sendo utilizado como sinônimo de "puto", que ofereceria também outras formas de sexo, anal (associado aos termos "panela" e "paneleiro") e oral ("bauché"). O "fanchono", dependendo do texto, tanto pode ser o cliente do "sacana" ou do "puto", preferencialmente ativo[8], ou o afeminado e passivo, ou mesmo associado a qualquer comportamento homoerótico[9].

Como já foi comentado neste artigo, o autor do prólogo também se identifica como homossexual. Além disso, ele eleva a vivência homoerótica acima das demais relações eróticas por, como indica o próprio título da obra, a sociedade ser falocêntrica:

> A Esposa não ama o marido – ama estima e adora mas é – o caralho – O Esposo ama o cono, mas respeita, venera e consagra um amor ainda mais firme... ao caralho! o Fanchono, esse é o ente mais perfeito que a natureza criou! O Fanchono ama o seu caralho e os alheios! Os Sacanas seguem os mesmos principios!... levando vantagem porque recebem... por todos os lados e... até pela algibeira! (*AC*, p. 9-10).

Após esses dois textos de abertura, o *Caralhal* apresenta uma estrutura semelhante a maioria dos almanaques. Para cada dia do ano há a memória de um acontecimento histórico, indicando o ano em que teria ocorrido, e um texto, em prosa (artigos sobre algum assunto, breves narrativas, ou ditos morais) ou verso, além de passatempos como charadas e logogrifos.

Mesmo nas breves sentenças que lembram algo do passado, é possível encontrar o tema homoerótico, mesmo que em menor quantidade. Além daquelas

---

[8] O acontecimento histórico lembrado no dia 9 de novembro: "É preso um fanchono por estar comendo um puto no patamar de uma escada 1722"(*AC*, p. 340).

[9] Em 14 de agosto, na narrativa "Um fanchono por gosto, outro por necessidade", tanto o ativo quanto o passivo são tratados por "fanchono". O primeiro, "por gosto", é o patrão, passivo: "Achava-se doente um dos fanchonos mais terríveis deste século; fanchono de tal calibre, que gostava de *levar*... não sei aonde... e não sei o que" (*AC*, p. 243). O segundo, o criado, por não conseguir encontrar o seringa para aplicar o clister recomendado pelo médico ao patrão, penetra-o.

de caráter homofóbico, há as que misturam personagens históricas com situações homoeróticas, como a de 26 de março, "Garibaldi come uma punheta na vespera da batalha de Solpherino 1859" (*AC*, p. 26). Também há as que criam uma pseudo-história da cultura homoerótica, por exemplo, a de 17 de março, "Por falta de putos vêem-se os fanchonos obrigados a fazer a si 1136" (*AC*, p. 89), ou a de 14 de agosto, "Organisação da 1ª Companhia de sacanas no Terreiro do Paço 1608" (*AC*, p. 242). E várias referências já do oitocentos, que devem estar relacionadas à própria subcultura homoerótica de Lisboa: 29 de junho – "Os sacanas tomam o epithetó de meninas de presilhas 1846" (*AC*, p. 201); 25 de junho – "Grande revolução das putas contra os sacanas por invasão de territorio 1838" (*AC*, p. 198); ou ainda 15 de setembro – "É elevado á cathegoria de praça de putos, o Campo de Sant'Anna 1835" (*AC*, p. 280).

Juntam-se a essa "história" as memórias relacionadas ao próprio almanaque, como a de nove de junho– "Entra no prélo o Almanach Caralhal 1860" (*AC*, p. 180) ou a de nove de agosto– "O Almanach Caralhal desmoralisa um procurador de virgos em putas 1860" (*AC*, p. 238), ou aquelas vinculadas às hospedarias onde se praticavam vários dos atos narrados em diversos textos dessa publicação, sobretudo a do Fermino, ou Firmino, já referida no prólogo, como a de sete de janeiro– "Inauguração da Hospedaria do Fermino 1832" (*AC*, p. 18), a de 15 de janeiro– "Celebra-se na Hospedaria do Firmino um tractado de paz entre as putas e os sacanas 1840" (*AC*, p. 25), ou ainda a de 14 de julho – "Inauguração da Hospedaria da Barbuda 1844" (*AC*, p. 212).

A escrita dessa subcultura homoerótica de Lisboa em meados do oitocentos se dá sobretudo no enfrentamento à literatura canônica e à crítica ao apagamento desse grupo na literatura oficial feita naquela época. Já no prólogo há o aviso ao leitor de que não encontrará naquele impresso o que era moda então: "O leitor encontrará n'este, o que não vio em livro algum!! Não é um romance, não é uma obra classica, não é uma peça dramatica" (*AC*, p. 7). O descompasso entre essa cultura, com seu conteúdo licencioso, e a literatura oficial do período da Regeneração devia estar clara para os escritores. Lembremos aqui do prefácio de 1879 à 5ª edição do *Amor de perdição*, em que Camilo Castelo Branco diz que sua novela "tem a boçal inocência de não devassar alcovas, a fim de que as senhoras a possam ler nas salas, em presença de suas filhas ou de suas mães, e não precisem de esconder-se com o livro no seu quarto de banho"(2003, p. 65).

A crítica à literatura da época feita pelo *Almanak Caralhal* está clara no texto de 22 de agosto, "As miserias da vida humana":

> A litteratura actual, esta litteratura que eu faço, tu fazes, elle faz, nós fazemos todos, esta litteratura tem um grande defeito – não é cá da vida deste mundo. Esta litteratura não pinta os costumes, não desenha nenhuns typos sublimes nem grosseiros.
> A litteratura actual improvisa typos, phantasia paixões que não se encontram na vida real, vê emfim mysterios em cousas que tem a mais facil explicação (*AC*, p. 249).

O redator desse texto não só critica a literatura de seu tempo como assume ser mais um dos autores que reproduz esse modelo quando escreve para o grande público. Ele ainda apresenta dois exemplos. Um é o do personagem Júlio, que gosta de Adelaide. Após muitas tentativas e súplicas, sua amada promete encontrá-lo uma noite debaixo de um caramanchão. Ela esperou quase toda a noite, mas ele não apareceu. O redator comenta:

> Um escriptor inventará um remorso no coração de Julio; outro a morte de um pae querido: este um accommettimento de um rival despeitado, aquelle uma prisão com motivos politicos.
> Tudo isto será assim nas paginas de um romance; mas cá na vida real o motivo da falta de Julio póde ser muito simples e até muito divertido. E assim foi com effeito. Julio sahiu de casa ás dez horas da noite e como encontrasse um lindo puto no caminho, e fosse mais amante da punheta do que do cono, esqueceu a amante, e esporrou-se duas vezes com o seu engraçado puto (*AC*, p. 250).

Mais um caso é contado. O de um mancebo pobre que prometeu acompanhar uma jovem e a mãe a casa após o baile, mas encontrou lá o "fanchono" que o sustenta e que o obrigou a voltar com ele. O artigo termina informando como é simples frustrar um plano de namorados. "Não querem porém os senhores romancistas isto. Para elles não ha fanchonos nem putos, nem accasos felizes ou aborrecidos. A litteratura não se atreve a pôr estas cousas em scena, com medo talvez de que a accusem de ter experimentado aquillo de que falla" (*AC*, p. 261). Faltava, portanto, à literatura oficial da época a vivência homoerótica, cuja au-

sência tornaria as narrativas parte de uma literatura que "não é cá da vida deste mundo". Para isso, seria preciso, segundo o texto de cinco de outubro, haver mais liberdade de imprensa, uma das lutas dos liberais:

> A liberdade de imprensa tem sido a mola real do progresso n'estes ultimos tempos, em que no seu campo se vem lançar o laurel á fronte do grande, como os escarros affrontosos das paginas negras, aonde se registram as vilezas da sociedade; todavia, essa liberdade tem sido como a aguia, que do cimo do *Libano*, levanta seu vôo ás nuvens, mas não affronta o espaço até aos seus limites. Envolvida n'um pensamento, ao qual baptisaram os socialistas com o nome de *moral publica*, tem havido sempre a repressão das idéas a que chamam *impudicas*, como se não fossem estas o maior élo da cadêa social.
>
> [...]
>
> Atravez d'um prisma que significa litteratura; debaixo d'uma taboleta que diz politica, d'um letreiro que diz religião, vêmos apparecer innumeras questões ou sómente apresentadas, ou definitivamente discutidas, sem que, porém, algumas de incontestavel utilidade universal se tenham ventilado, por serem marcadas com o ferrete de *obscenas* (*AC*, p. 302-303 - grifos do original).

É, em parte, o que o *Almanak Caralhal* pretende suprir, ao entesourar uma variedade de cenas, sujeitos e discursos homoeróticos em suas páginas. Há nesse almanaque algo como uma voz que se alevanta, que conclama a um homoerotismo atuante, como indica o texto de nove de maio, "A voz do fanchono": "O espirito do Fermino abalroou no meu espirito, e me disse: vai, e faz resoar nos ouvidos das turbas sacanaes palavras de luxuria e de deboche. E eu obedecerei ao meu chefe, despertando os tezões aos sodomitas" (*AC* , p. 143).

No entanto, a composição do almanaque não dispensa referências à literatura que lhe é contemporânea. Há citações diretas a nomes, mas também temas, ideias e modelos identificados aos nomes canônicos do período, porém, Balzac ganha relevo especial. Logo a quatro de março, um dos redatores publica a primeira de uma série de "fisiologias" eróticas. "Balzac poz a physiologia em moda; por elle, e depois d'elle, todos os sentimentos, todas as funcções, os gostos, as occupações de um marido corneado, foram explicadas em seu modo de ser. Vamos tambem por nossa parte concorrer no artigo physiologia" (*AC*, p. 72). Há

uma série de fisiologias: “da foda”; “do Caralho”; “do marido”; e a “do fanchono”:

> Não seria necessario menos de um volume em oitavo francez, de quatrocentas paginas e em typo miudo, para escrever a physiologia desta raça de bipedes chamados – *fanchonos* –, cuja ascendencia se perde na noite dos tempos. É porém humilde a nossa empresa. Sem ir-mos [sic] indagar esta questão como ella o merecia, o que era obra para largo folgo, limitar-nos-hemos ao esboço dos typos mais geraes e salientes [...]: o fanchono por vocação – o fanchono por necessidade – e o fanchono porco (*AC*, p. 95).

Nessa subdivisão dos tipos homoeróticos estabelecida no texto, o “por vocação” é o que não sente nenhuma atração por mulheres e se apaixona por outro homem: “ama apaixonadamente seu puto, este amor absorve-lhe todos os pensamentos, domina-lhe todas as faculdades da alma, elle vai até ao heroismo, vai até ao sacrificio” (*AC*, p. 96). O “por necessidade” reflete o pensamento de que a orientação sexual seja cambiante em alguns sujeitos, dependendo da situação, como a falta de mulheres por longo período ou o receio de contrair doenças venéreas: “um homem prudente que o receio do gallico fez abraçar uma nova seita, ou que, por collocado em circunstancias especiaes, vai comendo a sua punheta para distracção, tal é, por exemplo, o homem do mar” (*AC*, p. 96). O último tipo seria aquele que sente atração por homens pobres e másculos, cuja caracterização como “porco”denota preconceito social do autor: “esse se enthusiasma em presença de um gaiato esfarrapado, que sente admiração por um gallego nojento, que se extasia diante de um porta-machado” (*AC*, p. 96). Há, portanto, nessa classificação, a valorização dos que seguem uma vida mais próxima da heteronormatividade, agindo por prudência, com justificativas para suas escolhas, em detrimento ao que se deixa dominar por seus impulsos.

Isso permite que um dos colaborares, que assume sempre ter criticado comportamentos homoeróticos, vivenciar uma experiência “por necessidade” na narrativa “Quem tem fome cardos come!”. Tudo, segundo ele, foi para ter assunto para crônica:

> Meus senhores, comi uma punheta!
> Espero, porém, que me desculpeis, pois que a comi com o pensamento no leitor... quero dizer com a idéia de lhe vir logo contar e pedir perdão!
> Comer uma punheta! Eu que tenho chegado a dizer mal dos putos e dos fanchonos!!!
> O que diria o leitor... se eu lhe não contasse como teve logar acontecimento tão extraordinario! Era capaz de dizer, que eu fizera o que muitos fazem – virára a casaca! (*AC*, p. 21).

Após esse pedido de desculpas inicial, o narrador conta que estava enfastiado em Lisboa e resolveu ir para os arredores "ser ali um conquistador... de saloias". Todavia, não conquistou ninguém por dias, até que chegou o dia de S. João, quando encontrou um "rapaz de cautellas" de loteria.

> Apertado pelo tesão de oito dias, fallei ao rapaz da cautella – nem sei o que lhe disse! – mas o que posso affirmar, é que lhe fallei sempre com *cautella* para não levar algum *bilhete*!
> Com effeito a coisa arranjou-se sem novidade – apesar de ser a primeira vez... da minha parte! (*AC*, p. 22).

Essa narrativa cheia de silêncios, de cautela, de duplos sentidos, demonstra o receio de ser pego com esse comportamento que não era socialmente aceito, como vimos no caso do Marquês de Valada duas décadas depois. Ao mesmo tempo, indica que era comum esse tipo de ação em Lisboa e arredores. O "rapaz" não era apenas vendedor de bilhetes da loteria, mas também se prostituía, já que não era a primeira vez que isso acontecia com ele. Os mancebos que se prostituem são tipos recorrentes nos textos do *Almanak Caralhal*, agindo predominantemente à noite, por ruas e praças sombrias, tanto em narrativa quanto em poesia, como o de 10 de junho, intitulado "O que eu amo":

> Apraz-me de noite, na praça sombria
> Errante, sósinho, qual sombra vagar,
> O puto bonito de fórmas mui bellas
> Apraz-me ao Fermino comigo levar.

Depois entre risos de amor de fanchono,
Um beijo offrecer-lhe da minha paixão,
E a porra tão bella, feliz e contente,
Erguer-se orgulhosa com forte tezão.

Apraz-me, sentando no colo o putinho
Por entre os encantos de maga ventura,
Um beijo depôr-lhe nos labios de rosa
Sentindo entre pernas da porra a tesura.

Apraz-me as bimbinhas e o cu mui roliço
Do puto tão bello mexer e apalpar
E depois de mil luxos tão bellos, suaves,
Dar-lhe minha porra para elle brincar.

Apraz-me o caralho rugindo, crescendo
Nas mãos do puto que o sabe tratar
Depois de mil beijos, mil ais e mil gostos,
O gosto supremo apraz-me gosar. (*AC*, p. 183-184).

Outro espaço de vivência homoerótica recorrente no *Caralhal* é a hospedaria, especialmente a do "Fermino". Além de aparecer como local propício a se levar o "puto bonito" após o encontro noturno nas ruas ou praças, como no poema acima, é também, ela própria, ambiente para encontros sexuais, como no poema "A minha vara de condão", de seis de janeiro: "Dá-me azas de prata pura, / P'ra ao Fermino te guiar, / [...] // Peço... e vou á hospedaria, / N'este seculo das luzes, / Vejo entrar, sahir mil putos, / Qual em nora os alcatruzes. // A minha vara encantada / Dá-me o dom d'adivinhar, / Quaes aquelles que se escamam, / Ou que gostam d'escamar!" (*AC*, p. 17). A descrição desse lugar e de seu dono é assunto do artigo do dia 1º de março, "Hospedarias", no qual se revela que a utilização de estabelecimentos próprios para práticas eróticas entre homem e mulher ou entre dois homens era recente em Lisboa, mas bem apreciada:

Não dormindo em caza, as doçuras de Morpheo encontro-as no Fermino. Sabeis quem é este homem? que renegou a sua patria para se naturalisar Portuguez.

> Conheceis este typo que prefere a postinha de linguado frito com uma pouca de alface ao apetecido macarroni; Conheceis!? É o dono d'uma hospedaria, é o ente que primeiro desenrolou a bandeira da moralidade, o único neste tempo, que melhor comprehendeo que a punheta tem maiores gozos n'uma bella cama de folhos, do que no patamar d'uma escada [...] é o homem que conhecendo a sua arte a fundo, creou um estabelecimento, que hoje é popular. [...] Subindo aquella escada, a vida é outra. O ar que se respira é balsamico, as penas desapparecem, a alegria renasce, e o prazer embriaga. [...]
> Ali o homem encontra a mulher tal qual a natureza a creou. O fanchono dá largas ao caralho! (*AC*, p. 68-69).

O que se nota na leitura de alguns textos do almanaque é o conhecimento dessa subcultura homoerótica, sobretudo em colaborações como as citadas acima, nas quais o conteúdo erótico é mais presente do que o lado cômico, presente em outros escritos mais voltados para derrisão. Assim, apesar de as relações entre pessoas de sexos diferentes serem mais presentes no *Caralhal* do que as que envolvem dois homens, seus textos seguem a proposta de atender a um público variado. Há, ao longo do volume, uma exaltação do amor erótico em suas múltiplas formas:

> **Amor Exaltado**
>
> Amo as putas, que alegres fodendo,
> Embrandecem valentes caralhos;
> Amo a virgem, mas ai do seu cono,
> Pois receio fazer-lh'o em frangalhos!..
>
> Amo os putos os mais indecentes...
> Os fanchonos eu amo tambem,
> Amo a velha de cono escachado,
> Amo o velho, que tezão não tem!..
>
> Amo, em fim, o bauché e as mamas,
> Os bons conos, as bimbas e o rabo;
> Não despreso a *punheta de rufo*;

> Amo até p'ra foder o diabo!
>
> Amo tudo, que possa fazer
> Murchar picas, sem mais distincção:
> Amo assim, ó leitor, desculpae-me,
> *Por que chronico eu tenho tezão!!..* (*AC*, p. 340-341 - grifos do original).

Isso não quer dizer que o comportamento homoerótico passe isento de críticas. Contudo, não seguem as ideias finisseculares que o aproximam de doenças ou distúrbios. No caso do *Almanak Caralhal*, o discurso médico aparece como um ponto favorável à prática homoerótica. Além de ser "exercicio summamente proveitoso" (*AC*, p. 25), o sexo entre homens evitaria "o gallico", contrair doenças venéreas. O comportamento homoerótico é julgado pelo ponto de vista burguês e cristão por ser improdutivo ou por poder ferir o pênis[10] (órgão exaltado ao longo de todo o almanaque), como fica claro no texto do primeiro dia do ano:

> A foda é o preceito mais recommendado ao homem. Aquelle que não fóde sae fóra das veredas da Providencia; é como o grão de trigo que cáe fóra do sulco e não fructifica, é um ente inutil na sociedade como se não tivera caralho. [...]
> Um fanchono é uma planta parasita, sem utilidade, pois nada produz. É como aquelle que lança a sua semente n'uma terra impropria para a producção (*AC*, p. 13-14).

Mesmo podendo ser criticado – o que aparece poucas vezes – o homoerotismo é tema frequente no *Almanak Caralhal*. Se, como Curopos e Howes apontam, havia uma relação entre o que era publicado na imprensa e a aparição de personagens homossexuais na literatura e que tudo estava ligado ao crescimento de uma subcultura homoerótica pelas ruas de Lisboa, com seu conteúdo pornográfico, o *Almanak Caralhal*, publicado, ao que tudo indica, em 1860, é um marco importante nesse caminho. Apesar de não ser possível desvendar quem

[10] O homoerotismo feminino quase não aparece no *Almanak Caralhal*, mas também é criticado por esse comportamento poder ferir por excesso de atrito: "Toda a fricção produzida nos bordos do cono, não sendo exercida pelo caralho, toma o nome de roçadilho. / O roçadilho é perfeito, quando dois conos se roçam a ponto de se esporrarem. /[...] / Este meio deteriora-lhe muito a saude pelo excesso que precisam fazer para se esporrarem [...]" (*AC*, p. 324).

são seus autores, é ainda assim uma publicação importante para se compreender o campo literário português do século XIX. Suas críticas ao que era produzido em sua época e a defesa de uma maior liberdade de imprensa reforçam sua proposta de incluir personagens homossexuais e uma temática homoerótica na literatura portuguesa e na imprensa periódica. Sua apresentação como almanaque, com sua vinculação ao tempo, ao calendário, ao cotidiano, parece escrever uma história da homossociabilidade e do homoerotismo de Lisboa. Apesar de ser um impresso raro hoje em dia, justamente por seu caráter marginal na sociedade burguesa oitocentista, o fato de ter circulado nos dois países lusófonos indica que havia público para ele e interesse por mais produtos assim, como a explosão de literatura erótica nas últimas décadas daquele século vai mostrar.

O *Almanak Caralhal* é um herdeiro da longa tradição de almanaques satíricos portugueses. É também mais um exemplo da tradição erótica da literatura portuguesa. Esse almanaque deve ser lido como escrita de uma história cultural que possibilita recompor discursos sobre questões culturais e políticas que atravessavam aquele momento de produção, além de recuperar seu papel como agente que intervinha na sociedade e na cultura portuguesa e brasileira. É, sem dúvida, um marco na história da imprensa pornográfica em português e, sobretudo, um título fundamental para se ler o homoerotismo romântico.

Referências

ALMANAK CARALHAL. Paris: 1860. Disponível em: <http://books.google.com/books?vid=BNC:1001403881>. Acesso em: 26 jul. 2016.

ANASTÁCIO, Vanda. Almanaques. Origem, géneros, produção feminina. *Veredas* - Revista da Associação Internacional de Lusitanistas, n. 18. Santiago de Compostela: 2012.

BARCELLOS, José Carlos. *Literatura e Homoerotismo em questão*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2006.

BIBLIOTECA NACIONAL (PORTUGAL). *Os sucessores de Zacuto*: o almanaque na Biblioteca Nacional - do século XV ao XXI. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2002.

CASTELO BRANCO, Camilo. *Amor de perdição* - memórias duma família. Com introdução de Esther de Lemos. 10ª ed. Lisboa: Biblioteca Ulisseia de Autores Portugueses, 2003.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. O Mundo como representação. *Estudos Avançado*s, São Paulo, vol. 5, n. 11, jan/abr. de 1991. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/8601/10152>. Acesso em: 26 jul. 2016.

CHARTIER, Roger. O livro dos livros: os Almanaques do Brasil. *Estudos Sociedade e Agricultura*. n. 13, out/1999. Rio de Janeiro: CPDA - Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade/UFRRJ, 1999.

CUROPOS, Fernando. *L'émergence de l'homosexualité dans la littérature portugaise (1875 - 1915)*. Paris: Harmattan, 2016.

EL FAR, Alessandra. *Páginas de sensação* - Literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924). São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

HOWES, Robert. Cartoon and Literary Images of Homosexuality in Nineteenth-Century Portugal. In LANGFORD, Rachael (ed.). *Depicting Desire*: Gender, Sexuality and Family in Nineteenth Century Europe:Literary and Artistic Perspectives. Oxford: Peter Lang, 2005.

HUNT, Lynn. Introdução - Obscenidade e as Origens da Modernidade, 1500-1800. In HUNT, Lynn (org.). *A Invenção da pornografia*: obscenidade e as origens da modernidade. trad. Carlos Selak. São Paulo: Hedra, 1999.

LISBOA, João Luís. Almanaques. In BIBLIOTECA NACIONAL (PORTUGAL). *Os sucessores de Zacuto*: o almanaque na Biblioteca Nacional - do século XV ou XXI. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2002.

O Pauzinho do matrimónio.. Almanaque perpétuo. Lisboa: Tinta da China, 2011.

PINTO, Luiz Maria da Silva. *Diccionario da Lingua Brasileira*. Ouro Preto: Typographia de Silva, 1832. Disponível em: < http://www.brasiliana.usp.br/handle/1918/02254100>. Acesso em: 7 ago. 2016.

PIRES, Daniel. Inocêncio Francisco da Silva, editor de Bocage. In BORRALHO, Maria Luísa Malato (org.*). Leituras de Bocage*. Porto: Faculdade Letras Porto, 2007. Também disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4834.pdf>. Acesso em: 3 ago. 2016.

PONTOS NOS II. Lisboa: 1885-1886. Disponível em: <http://www.orealemrevista.com.br>. Acesso em: 8 ago. 2016.

QUEIROZ, Eça de. *O crime do padre Amaro*. Rio de Janeiro: Editora Três, 1972.

RANCIÈRE, Jacques. *Políticas da escrita*. Trad. Raquel Ramalhete et. al. Rio de Janeiro: ed. 34, 1995.

RODRIGUES, Ernesto. Espaços alternativos. In RODRIGUES, Ernesto. *Cultura Literária Oitocentista*. Porto: Lello editores, 1999.

SILVA, Antonio de Moraes. *Diccionario da linga portugueza* - recompilado dos vocabulários impressos até agora, e nesta segunda edição novamente emendado e muito acrescentado. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1789.

TRUMBACH, Randolph. Fantasia Erótica e Libertinagem Masculina no Iluminismo Inglês. In HUNT, Lynn (org.). *A Invenção da Pornografia*: obscenidade e as origens da modernidade. trad. Carlos Selak. São Paulo: Hedra, 1999.